

Construção de sentidos por formas nominais referenciais: anáforas associativas; rotulações e (re)categorizações

Maria Angélica de Oliveira Penna¹

¹Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
angelicapenna@uol.com.br

Abstract. This article is about the functions of referential nominal forms in the textual progression. It is inserted in a sociocognitivist theory of the language and conceives referentiation as a discursive activity resulting from negotiation between co-enunciators whose goal is the construction of meaning. This presupposes that the meanings are constructed by strategic processes that involve an insertion of the author and reader/hearer in the same communicative frame that enables them to make use of diverse knowledge in search for significations that make communication efficient.

Key-words. Referentiation; textual progression; sociocognitivism; meaning

Resumo. Este artigo trata das funções das formas nominais referenciais na progressão textual. Insere-se em uma visão socio-cognitivista da linguagem e concebe a referenciação como atividade discursiva (Koch & Marchuschi), decorrente de uma negociação que se dá entre co-enunciadores, com vistas à construção do sentido. Isso implica dizer que os sentidos são construídos por processos estratégicos que envolvem uma inserção de autor e leitor/ouvinte em uma mesma moldura comunicativa que os torna capazes de acionar conhecimentos diversos na busca de significações que tornem a comunicação eficiente.

Palavras-chave. referenciação; progressão textual; sócio-cognitivismo; sentido

0. Introdução

Estudar a língua é estudar a atividade humana sobre a linguagem, o que faz desse estudo algo complexo e problemático, visto que não se pode proceder a essa pesquisa senão em situações de uso efetivo e, sendo verdade que esse uso varia com o contexto sócio-econômico-cultural e portanto sócio-cognitivo, temos aí um objeto de difícil delimitação.

Uso efetivo envolve interlocução que, por sua vez, remete a *interação* e é este o campo que, apesar da complexidade, acreditamos ser o mais produtivo para o estudo da língua. Ao interagirem, os sujeitos, a partir de entidades não estáveis, constroem significados – atividade esta a que Koch e Marcuschi (1998,1999) chamam *referenciação*. Esses autores partem do pressuposto que a referenciação é *uma atividade discursiva, que implica uma visão não referencial da língua e da linguagem. Ou seja,*

aqui - no discurso - as palavras não espelham o mundo tal como ele é , mas são instáveis e passíveis de construção de novos sentidos a cada vez que são ativadas.

O presente trabalho toma a *referenciação* como seu objeto de estudo. Mais precisamente o papel das formas nominais referenciais na construção do objeto-do-discurso e portanto, na progressão textual.

Pensar progressão textual, nos leva a pensar principalmente no papel das anáforas, uma vez que se trata de elementos de grande importância na manutenção temática. Como veremos, anáforas fazem muito mais que isso, ou seja, além de manterem o tema, são elementos responsáveis por uma grande carga informativa no interior do discurso – são elementos que muitas vezes evidenciam uma certa apreciação por parte do autor do texto; que inserem autor e leitor/ ouvinte numa mesma moldura comunicativa [por ativarem conhecimentos partilhados]; que confirmam ou frustram expectativas do leitor/ouvinte e, em consequência de tudo isso, constroem objetos-de-discurso (Mondada & Dubois, 1995) resultantes de uma negociação entre co-enunciadores.

A atividade de *referenciação*, entretanto, envolve não apenas anáforas -que seriam elementos que se referem a entidades presentes no cotexto, ou seja, entidades identificáveis no fio discursivo - mas também envolve catáforas, exóforas, processos dêiticos e processos de afastamento do autor diante do que diz [esclarecimento, explicitação, desambigüização, correção], enfim, em lugar de *anáforas*, optamos por falar em *formas nominais referenciais*, pois assim estaremos tratando de elementos que *remetem* quer ao cotexto, quer ao contexto, ora operando recategorização de referentes; ora retomando ingrediências do elemento-fonte; ora nomeando uma porção inteira do discurso, sob forma de encapsulamento; ora especificando, por motivos didáticos; ora corrigindo ou explicitando, por motivos comunicativos.

Assim, este trabalho pretende tratar de algumas dessas estratégias, tomando como foco a construção de sentidos [melhor dizendo, a construção de objetos-de-discurso (Mondada & Dubois, op.cit)] decorrente da progressão referencial. Pretende, portanto, tratar da importância dessas formas na progressão textual.

Falaremos sobre *anáforas associativas; rotulações e (re)categorizações*. Para isso, escolhemos duas colunas opinativas da Folha de São Paulo, pertencentes a diferentes cadernos. O primeiro texto, de Vinícius Torres Freire, veiculado no caderno opinião, página A-2 em 25/10/04 e o segundo, de Fernando Bonassi, veiculado no caderno Ilustrada, página E-6 em 13/07/04.

O texto de Torres Freire ilustra dois tipos de estratégias de construção de objetos-de-discurso: o das anáforas associativas – que são anáforas que retomam ingrediências do elemento-fonte, isto é, são anáforas não correferenciais que mantêm, com sua âncora, uma relação de meronímia – e o das rotulações – anáforas que remetem a uma porção inteira do cotexto, encapsulando-a sob a forma de uma nomeação que muitas vezes servirá de tema para o parágrafo seguinte, operando o que Schwarz (2000) denomina *tematização-remática*.

O texto de Bonassi, por sua vez, ilustra a tese de Mondada & Dubois (2003) de que, “nos processos de categorização, as categorias prototípicas ou estereotípicas são primeiro consideradas como base mais disponível e compartilhável para a comunicação e em seguida sofrem modificações capazes de deslocá-las de um ponto central de seu

domínio semântico para um ponto periférico ou um ponto que provoca uma recategorização radical.”

1. Pressupostos

Os seguintes pressupostos permeiam este trabalho:

- A atividade de referenciação é uma *atividade discursiva* (Koch,1999a e b; Marchuschi & Koch 1998a; Koch & Marchuschi,1998b; Marchuschi,1998), que resulta de um processo *interativo*, ou seja, o processo de referenciação não concebe palavras como rótulos de entidades pré-existentes no mundo, mas constroem entidades (objetos) que passam a existir através da *negociação* do sentido, que se dá na interação entre autor e leitor/ouvinte (atores sociais).
- O processamento do discurso é estratégico: o autor deixa pistas no texto, orienta sua argumentação, repete, rotula, explica, especifica. O leitor leva para o texto suas expectativas que podem ou não se confirmar.
- Para que se reconheçam as pistas deixadas no texto, é preciso que ambos (produtor e receptor) compartilhem do mesmo contexto sócio-cognitivo ou o sentido não se constrói porque os elementos presentes no co(n)texto, responsáveis por essa construção podem não ser reconhecidos.
- “interpretar é inserir-se numa moldura e exercer um papel comunicativo. Portanto, interpretar é representar no sentido dramático do termo pois, necessariamente, fazer sentido é uma operação social para alguém e implica assumir uma determinada perspectiva sobre uma cena, mutável no decorrer da encenação.” (Salomão, 1999)
- “Entendida como atividade constitutiva do conhecimento humano, a linguagem não é apenas estruturada pelas circunstâncias e referências do mundo social; é ao mesmo tempo estruturante de nosso conhecimento e extensão (simbólica) de nossa ação sobre o mundo. Ou seja, podemos dizer da linguagem que ela é uma ação humana (ela predica, interpreta, representa, influencia, modifica, configura, contingência, transforma, etc)[...]” (Morato, 2004)

2. As Anáforas Associativas

Segundo Koch (2001), a anáfora associativa é um subtipo das anáforas indiretas, cuja ocorrência pressupõe um *denotatum* implícito que pode ser reconstruído por inferência, a partir do contexto precedente e que apresenta as seguintes características prototípicas:

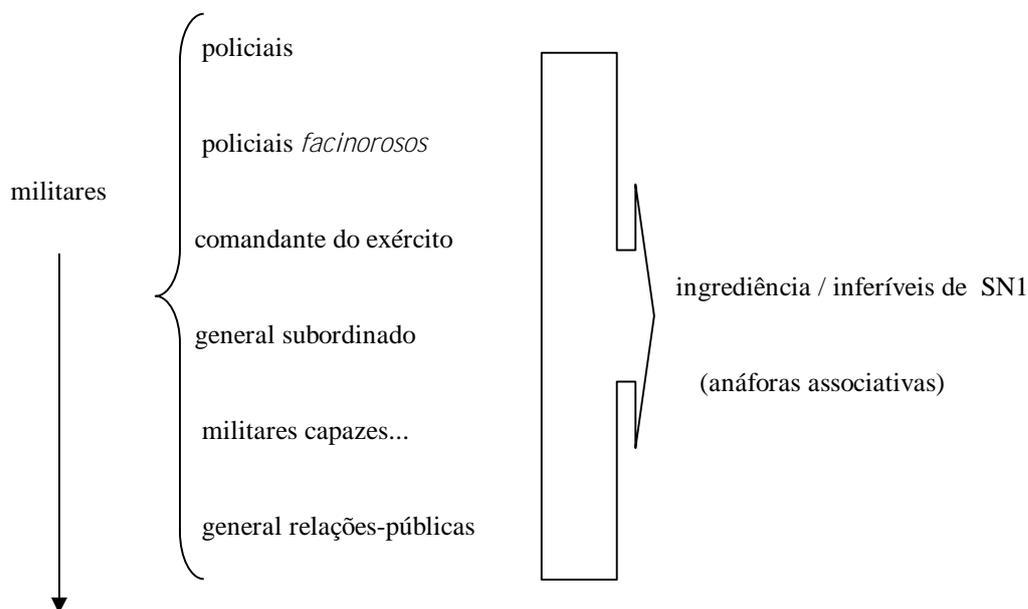
- a. a expressão em anáfora associativa introduz um referente novo (não há correferência)
- b. há menção prévia de um outro referente que fornece os elementos necessários para a saturação do referente novo;
- c. há necessidade de proceder a inferências para a saturação adequada do SN2.
- d. Mantém uma relação de meronímia ou ingrediência com SN1.

Observemos as expressões em anáfora associativa no texto 1 (anexo 1):

O que aprendem os militares nas suas escolas? O que aprendem os policiais em suas academias? Pagamos impostos para colocar armas nas mãos dessas pessoas, servidores públicos como quaisquer outros, mas não temos muita noção de como são formados. Ou melhor, vemos indícios de como são instruídos quando temos de deplorar policiais facinorosos, quadrilhas de delegados federais e acintes como essa nota do Comando do Exército que louvou tortura, assassinato e ditadura.

A história dessa nota insolente, atrevimento de resto inconstitucional, ainda não terminou. Primeiro, porque ainda não está esclarecido quem a redigiu, quem a despachou e quem autorizou toda a lambança. A depender dos esclarecimentos, teria de haver a demissão do comandante do Exército ou, se tudo foi obra de um general subordinado, em prisão por motivo disciplinar e banimento da lista de promoções.

Segundo, porque há militares capazes de redigir tais desplantes. Pior ainda, diz-se que o general relações-públicas que teria soltado a nota é inimputável, pois o texto é apenas a resposta padrão do Exército a perguntas sobre a repressão [...] (Torres Freire, Vinícius. Quem educa os militares. FSP 25/10/04)



Referente previamente mencionado - fornece elementos necessários à saturação dos referentes novos.

3. Rotulações (Francis,1994) [nominalizações (Apothéloz e Chanet ,1997)/ Encapsulamento anafórico (Conte, 1996) / nomeações (Cavalcante, 2001)]

Para Francis (1994), os rótulos funcionam tanto retrospectiva como prospectivamente. São expressões que se referem a uma porção do contexto anterior ou posterior, nominalizando-a.

Conte (1996), defende que o encapsulamento anafórico possui função principalmente argumentativa e pode ser um poderoso meio de manipulação do leitor.

Para Schwarz (2000), são anáforas “complexas”, que não nomeiam um referente específico, mas ESTADO, FATO, EVENTO, ATIVIDADE, etc.

Para Koch (2004, p.71),

“[...] tais expressões, cumprem, assim, duas funções: *rotulam* uma parte do contexto que as precede e estabelecem um novo referente, que, por sua vez, poderá constituir um tema específico para o parágrafo subsequente [...]”

Ainda para Koch (2001:4), as expressões rotuladoras

“[...] possuem, portanto, uma importante função na introdução, mudança ou desvio de tópico, bem como de ligação entre tópicos e subtópicos. Ou seja, elas introduzem mudanças ou desvios do tópico, preservando, contudo, a continuidade tópica, ao alocarem a informação nova dentro do quadro da informação dada. Desta forma, são responsáveis simultaneamente pelos dois grandes movimentos de construção textual: retroação e progressão” .

Observemos como funcionam as expressões rotuladoras no texto 2 (idem):

O que aprendem os militares nas suas escolas? O que aprendem os policiais em suas academias? Pagamos impostos para colocar armas nas mãos dessas pessoas, servidores públicos como quaisquer outros, mas não temos muita noção de como são formados. Ou melhor, vemos indícios de como são instruídos quando temos de deplorar policiais facinorosos, quadrilhas de delegados federais e acintes como essa nota do Comando do Exército que louvou tortura, assassinato e ditadura.

A história dessa nota insolente, atrevimento de resto inconstitucional, ainda não terminou. Primeiro, porque ainda não está esclarecido quem a redigiu, quem a despachou e quem autorizou toda a lambança. A depender dos esclarecimentos, teria de haver a demissão do comandante do Exército ou, se tudo foi obra de um general subordinado, em prisão por motivo disciplinar e banimento da lista de promoções.

Segundo, porque há militares capazes de redigir tais desplantes. Pior ainda, diz-se que o general relações-públicas que teria soltado a nota é inimputável, pois o texto é apenas a resposta padrão do Exército a perguntas sobre a repressão [...] (Torres Freire, Vinícius .Quem educa os militares. FSP 25/10/04)

Essa nota do comando do exército
que louvou tortura assassinato
e ditadura
(exófora)

acinte
dessa nota *insolente*
lambança
tais desplantes
o texto (ponto de vista de quem diz que o general que redigiu a nota é inimputável)



Rótulos: referem-se a uma porção do texto, anterior ou posterior, nominalizando-a

(Francis, 1994:1)

Observe-se como o sintagma rotulador *acintes* introduz no texto uma expressão inteira [*essa nota do comando do exército que louvou tortura, assassinato e ditadura*] que é retomada nos parágrafos subseqüentes por *essa nota insolente; lambança; tais desplantes e o texto* [quando introduz um segundo ponto de vista], evidenciando a apreciação do enunciador e, portanto, configurando o que defende Conte (op. Cit) que, em alguns casos, pode ser um importante meio de manipulação do leitor. Desta forma, o enunciador dá pistas da interpretação pretendida para a expressão encapsulada pelos rótulos.

4. (Re)categorizações:

Embora as expressões nominais rotuladoras configurem casos de recategorização, trataremos neste espaço de expressões anafóricas que retomam antecedentes pontuais, ora desdobrando uma expressão em hipônimos, ora recategorizando radicalmente essa expressão.

Apesar de ambos os processos basearem-se em conhecimentos partilhados, o segundo exige do co-enunciador um trabalho mais intenso em termos de processamento cognitivo – aliás, o segundo processo revela-se também como um eficiente mecanismo de manipulação.

Estamos considerando as seguintes afirmações de Mondada e Dubois (2003):

“[...] mais geralmente, a instabilidade caracteriza o modo normal e rotineiro de entender, descrever, compreender o mundo – e lançar, assim, a desconfiança sobre toda descrição única, universal e atemporal do mundo” (Mondada & Dubois, 2003, p.28)

“ Em termos de processos de categorização, pode-se dizer que uma categoria prototípica ou estereotípica é primeiro considerada como a base mais disponível e compartilhável para a comunicação; em seguida são operadas modificações que fazem a entidade passar de um ponto

central de seu domínio semântico para um ponto periférico, ou que provoca uma recategorização radical” (idem, p.32)

Observemos como se dão os processos de recategorização no texto 3 (anexo 2):

Os Traficantes cuidarão bem de nós

Os traficantes nacionais são mundialmente conhecidos. Eles lecionam fraudes em conluio, depositam dinheiros escusos e desenvolvem tecnologia de sementes pelos cinco continentes. Vestem-se com esmero, criam empregos com planos de promoção e pagam os maiores salários para a ocasião.

[...] Afinal os traficantes não têm culpa de terem sido expulsos do sistema educacional. Está certo que não tinham bom comportamento, mas na escola do desleixo e do crime acabaram se conformando nos mesmos diplomas da visão maniqueísta que atinge a todos, especialmente os outros traficantes, aqueles de livros didáticos, sempre preparados para uma aula de moral e civismo em livros que são pagos, mas não são feitos ou, quando são editados, não são distribuídos[...]

Os traficantes de armas, entre outros desta praça, dispõem de uma rede muito bem estruturada de transporte, atendendo seus clientes onde quer que estejam intocados, por terra, mar e ar, entregando minas terrestres, bazucas, metralhadoras e granadas para as gangues revoltadas.

[...] Nisso estão associados aos traficantes de órgãos, que realizam qualquer sonho de grandeza ou beleza, remetendo porções de nossa gente cordial para os centros cirúrgicos mais equipados dos condomínios fechados.

Os traficantes de drogas gerenciam morros e bairros inteiros, distribuindo roupas, comida e quadras esportivas, além de empregos arriscados à juventude louca para fazer qualquer coisa de sua vida cheia de energia.

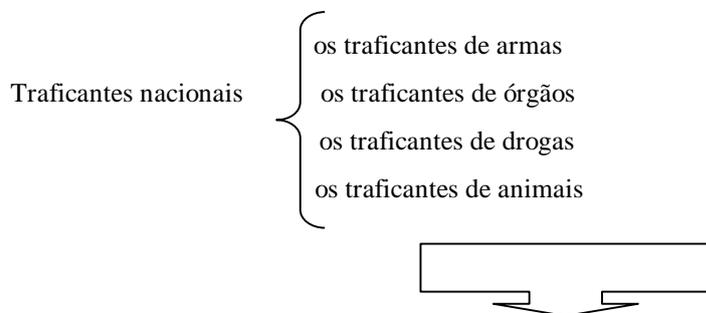
[...]Os traficantes de escravas brancas, por seu turno noturno, compõem uma rede de agências de viagens minúsculas e escuras (de porta de cadeia mesmo, como certos advogados que exigem direito de defesa para tudo que se move), mas com diversos destinos agradáveis à mão; é apenas questão de escolha para o rufião.

Os traficantes de animais operam nas matas devastadas, nas florestas comprometidas ou nos zoológicos estaduais, encontrando sempre um bicho de estimação exótico para as angústias bestiais dos admiradores internacionais.

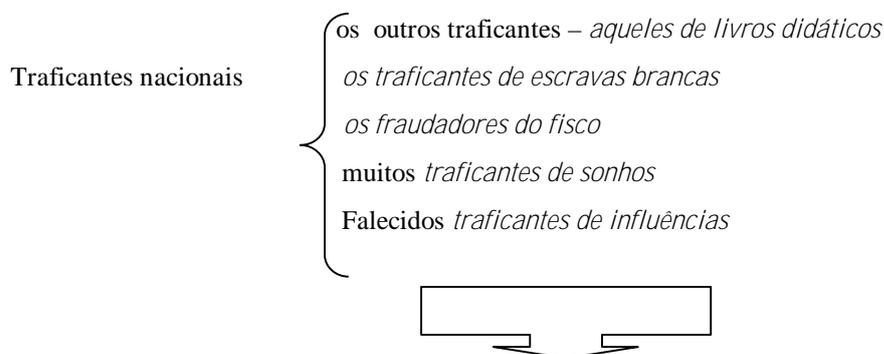
Os fraudadores do fisco nem precisam ir muito longe. Basta mudar de firma, deixar falir aquela e se candidatar à representação popular. Muitos traficantes de sonho deixaram na rua da amargura os compradores de apartamentos nos desdobramentos jurídicos de suas obras fantasmas. [...]

Há também os falecidos traficantes de influência, muitos deles com experiência de governo, que agora são ouvidos com atenção, esquecidos todos nós da tensão que provocaram e dos estragos que causaram em seus momentos de fascismo glorioso e subsídios desenvolvimentistas.

Até onde sabemos, os anões pregados no orçamento continuam com o patrimônio avantajado dentro dos bolsos obesos, para dar satisfação às suas brancas de neve e de herança às mulheres entediadas.[...]. (Bonassi,Fernando. *Os traficantes cuidarão bem de nós*. FSP 13/07/04)



Base mais disponível e compartilhável para a comunicação



Deslocamento de um ponto central do domínio semântico para um ponto periférico, operando recategorização radical.

5. Conclusão:

De tudo o que foi visto, conclui-se que a língua é constitutivamente instável (Revuz, 1998) e que é justamente da instabilidade que nasce a possibilidade de se construir sentidos; que textos progridem graças às muitas estratégias de construção dos objetos-de-discurso e que essas estratégias só são possíveis porque falante/produzidor procede a escolhas passíveis de serem negociadas no ato enunciativo e *joga* com as inúmeras possibilidades de organização discursiva do mundo.

6. Referências

APOTHÉLOZ & CHANET (1997). *Definido e demonstrativo nas nomeações*. In Cavalcanti,M.M; Rodrigues, B. B; Ciulla, A.L. *Referenciação*. São Paulo:Contexto, 2003

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas*. As não-coincidências do dizer. Campinas, São Paulo: editora da UNICAMP, 1998.

- BONASSI, F. *Os Traficantes cuidarão bem de nós*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1307200415.htm>
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Subtipos de nomeação*. /Conferência apresentada por ocasião da 53a. Reunião Anual da SBPC. Salvador: UFBA, 2001 /.
- _____. *Expressões referenciais –uma proposta classificatória*. In: cadernos de estudos lingüísticos, 44:105 -118. Campinas, São Paulo: 2003.
- _____. *Expressões indiciais e anáforas indiretas*. /Comunicação apresentada no I Congresso e IV Colóquio Latino-Americano de Estudos do Discurso. Recife: UFPE, 2001/.
- CONTE, Maria Elizabeth (1980) *Encapsulamento anafórico in* Cavalcanti,M.M; Rodrigues, B. B; Ciulla, A.L. *Referenciação*. São Paulo:Contexto, 2003
- FRANCIS, G (1994). *Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais*. In Cavalcanti,M.M; Rodrigues, B. B; Ciulla, A.L. *Referenciação*. São Paulo:Contexto, 2003
- KOCH. Ingedore G.V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002
- _____. *Introdução à Lingüística Textual*. São Paulo: Martins Fontes,2004
- _____. *Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial*. In: Sentido e significação – em torno da obra de Rodolfo Ilari, 244 – 262 .São Paulo: Contexto, 2004
- MARCUSCHI, L.A. *O Léxico: lista, rede ou cognição social?*In: Sentido e significação – em torno da obra de Rodolfo Ilari, 263-282 .São Paulo: Contexto, 2004
- MONDADA, L. *La constrution de la référence comme travail interactif: accomplir la visibilité du détail anatomique durant une opération chirurgicale*. . In: cadernos de estudos lingüísticos, 44:57-70. Campinas, São Paulo: 2003
- MONDADA, L & DUBOIS . *Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação*. Clássicos da Lingüística I, in Cavalcanti,M.M; Rodrigues, B. B; Ciulla, A.L (2003) *Referenciação*. São Paulo:Contexto, 1995
- MORATO, E.M. *O Interacionismo no campo lingüístico*. Introdução à lingüística – fundamentos epistemológicos (orgs. Fernanda Mussalin & Anna Crhistina Bentes), São Paulo: Cortez, 2004
- TORRES FREIRE, V. *Quem educa os militares?* Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2510200404%2ehtm>

Anexo 1

FOLHA **opini**ão

São Paulo, segunda-feira, 25 de outubro de 2004
VINICIUS TORRES FREIRE

Quem educa os militares?

SÃO PAULO - O que aprendem os militares nas suas escolas? O que aprendem os policiais em suas academias? Pagamos impostos para colocar armas nas mãos dessas pessoas, servidores públicos como quaisquer outros, mas não temos muita noção de como são formados. Ou melhor, vemos indícios de como são instruídos quando temos de deplorar policiais facinorosos, quadrilhas de delegados federais e acintes como essa nota do Comando do Exército que louvou tortura, assassinato e ditadura.

A história dessa nota insolente, atrevimento de resto inconstitucional, ainda não terminou. Primeiro, porque ainda não está esclarecido quem a redigiu, quem a despachou e quem autorizou toda a lambança. A depender dos esclarecimentos, teria de haver a demissão do comandante do Exército ou, se tudo foi obra de um general subordinado, em prisão por motivo disciplinar e banimento da lista de promoções.

Segundo, porque há militares capazes de redigir tais desplantes. Pior ainda, diz-se que o general relações-públicas que teria soltado a nota é inimputável, pois o texto é apenas a resposta padrão do Exército a perguntas sobre a repressão.

Rememore-se o teor da nota: a ditadura militar foi necessária e contribuiu para o progresso do país, assim como assassinios e violência covarde contra gente detida e desarmada, quando não inocente até pelos critérios dos decretos militares; como tais crimes não são mais necessários, os porões do mal foram desmontados.

Subtexto gritante: quando o Exército decidir que é indispensável rasgar a Constituição e triturá-la em matadouros, o fará sem mais.

Os militares que redigem e toleram essas coisas têm orgulho ou não se pejam de reafirmar um período desonroso de lama e anarquia nas Forças Armadas. Devem ser afastados, suas carreiras devem ser barradas. Os jovens devem ser formados no espírito da Constituição e as escolas militares devem ter seus currículos revistos e controlados pelos representantes do Estado democrático.

Anexo 2:

São Paulo, terça-feira, 13 de julho de 2004

FOLHA ilustrada

FERNANDO BONASSI

Os traficantes cuidarão bem de nós

Os traficantes nacionais são mundialmente conhecidos. Eles lecionam fraudes em conluio, depositam dinheiros escusos e desenvolvem tecnologia de sementes pelos cinco continentes. Vestem-se com esmero, criam empregos com planos de promoção e pagam os maiores salários para a ocasião.

Podem ser comunistas ilustrados ou direitistas obtusos, que o aspecto ideológico sempre foi algo confuso entre nós. Podem movimentar recursos próprios, alheios ou públicos, pois desconhecem de perto a pátria desse capitalismo. A velha Europa protestante, por exemplo, costuma lhes dar a guarita de contas secretas, desde que comprem as devidas indulgências de seus serviços bancários contaminados pelos patrimônios genocidas que acumularam.

Alguns desses maus elementos, entrevistados, fotografados e fichados pelas polícias mais badaladas do planeta, não são, no entanto, nem mais ou menos identificados como bandidos por aqui. Nada mais natural! É uma questão de cultura: há lugares onde administram bem, há outros onde administram o mal.

Afinal os traficantes não têm culpa de terem sido expulsos do sistema educacional. Está certo que não tinham bom comportamento, mas na escola do desleixo e do crime acabaram se conformando nos mesmos diplomas da visão maniqueísta que atinge a todos, especialmente os outros traficantes, aqueles de livros didáticos, sempre preparados para uma aula de moral e civismo em livros que são pagos, mas não são feitos ou, quando são editados, não são distribuídos.

O prejuízo desses folhetinhos de auto-ajuda é apenas mais uma de suas piadas sem graça!

Os traficantes de armas, entre outros desta praça, dispõem de uma rede muito bem estruturada de transporte, atendendo seus clientes onde quer que estejam intocados, por terra, mar e ar, entregando minas terrestres, bazucas, metralhadoras e granadas para as gangues revoltadas.

Quando armações mais sutis são necessárias, entregam-se pizzas temperadas para CPIs viciadas em rituais de marmelada.

Por essas e outras esferas lucrativas, pode haver disputa entre as facções independentes. Então pescos são cortados, membros são arrancados e cadáveres são exibidos pelas televisões de caridade em rede de mediocridade, para que ninguém tenha dúvida de quem manda por aqui. Quanto aos celulares que se ouvem em qualquer parte, devem ser desligados quando começa o espetáculo da carnificina, poupando os mais ingênuos dessas imagens desgostosas e palavras escabrosas.

Nisso estão associados aos traficantes de órgãos, que realizam qualquer sonho de grandeza ou beleza, remetendo porções de nossa gente cordial para os centros cirúrgicos mais equipados dos condomínios fechados.

Quanto à violência no sistema penitenciário, as mães e mulheres dos presidiários estão em assembléia permanente, reunindo-se, com o beneplácito das autoridades incompetentes, para propor paz nas cadeias, uma vez que os PMs aposentados não estão conseguindo arcar com as responsabilidades do Estado e do lar ao mesmo tempo, pedindo adiamento dos vencimentos com a miséria dos pagamentos.

Os traficantes de drogas gerenciam morros e bairros inteiros, distribuindo roupas, comida e quadras esportivas, além de empregos arriscados à juventude louca para fazer qualquer coisa de sua vida cheia de energia.

Os traficantes de escravas brancas, por seu turno noturno, compõem uma rede de agências de viagens minúsculas e escuras (de porta de cadeia mesmo, como certos advogados que exigem direito de defesa para tudo que se move), mas com diversos destinos agradáveis à mão; é apenas questão de escolha para o rufião.

Quanto às mulheres, qual você prefere: morrer de amor, de Aids ou de fome? Os traficantes de animais operam nas matas devastadas, nas florestas comprometidas ou nos zoológicos estaduais, encontrando sempre um bicho de estimação exótico para as angústias bestiais dos admiradores internacionais.

Os fraudadores do fisco nem precisam ir muito longe. Basta mudar de firma, deixar falir aquela e se candidatar à representação popular. Muitos traficantes de sonho deixaram na rua da amargura os compradores de apartamentos nos desdobramentos jurídicos de suas obras fantasmas. Aliás, é sempre prudente lembrar que os nossos traficantes têm todo acesso à Justiça, em nome da moralidade da lei. Quanto à moralidade dos homens, o que se cheira nesses processos em carreiras, fica por conta dos juízos, vícios ou sentenças de uns e outros que aspiram o bem comum.

Há também os falecidos traficantes de influência, muitos deles com experiência de governo, que agora são ouvidos com atenção, esquecidos todos nós da tensão que provocaram e dos estragos que causaram em seus momentos de fascismo glorioso e subsídios desenvolvimentistas.

Até onde sabemos, os anões pregados no orçamento continuam com o patrimônio avantajado dentro dos bolsos obesos, para dar satisfação às suas brancas de neve e de herança às mulheres entediadas. Quanto ao fato de os criminosos terem se juntado numa assembléia de pervertidos, que sejam representativos, uma vez que os malandros podem se espalhar por todos os partidos.

Só a elite dos traficantes poderá nos dar educação, alimento, prosperidade e proteção: eles são mais bem organizados.